

Charles Baudelaire **“Correspondências”**

Aristóteles. *Poética*. Tradução Eudoro de Sousa. Lisboa: Guimarães Editora, n.d.

1459 a 4-9: “Grande importância tem, pois, o uso discreto de cada uma das mencionadas espécies de nomes, de nomes duplos e palavras estrangeiras; maior, todavia é a do uso das metáforas, porque tal não se aprende nos demais, e revela portanto o engenho natural; com efeito, bem saber descobrir metáforas significa bem se aperceber das semelhanças”.

Charles Baudelaire *Salon de 1846* (Crítica de arte), “Sobre a cor”.

[...] Ignoro se algum analogista estabeleceu solidamente uma gama completa das cores e dos sentimentos, mas lembro-me de uma passagem de Hoffmann que expressa perfeitamente minha ideia, e agradará a todos que amam sinceramente a natureza: “Não é apenas em sonho, ou no tênue delírio que precede o sono, mas mesmo acordado, quando ouço música, encontro uma analogia e uma reunião íntima entre as cores, os sons e os perfumes. Parece-me que todas essas coisas foram geradas por um mesmo raio de luz, e devem se reunir num maravilhoso concerto. O odor dos cravos marrons e vermelhos produz sobretudo um efeito mágico em minha pessoa. Ele me faz entrar num estado de devaneio, e então ouço como ao longe os sons graves e profundos do oboé.”

[A continuação da passagem de E. T. Hoffmann, em *Kreislariana* [“Höchst zerstreute Gendanken”], é a seguinte:

“Há momentos em que – sobretudo depois de ter lido longamente as obras do grande Sebastião Bach – nos quais as proporções matemáticas da música, e mesmo as regras misteriosas do contraponto, despertam em mim um terror secreto. Música! (ao pronunciar teu nome vem-me um estranho arrepio) Ah tu! Sânscrito da natureza, tu, cujas palavras são os sons! O profano imita tua linguagem em balbucios infantis – o ímpio que te macaqueia se afunda na própria vergonha.”]

(Crítica literária)

“Théophile Gautier”

[...]“Se pensarmos que, a essa maravilhosa faculdade, Gautier reúne uma imensa inteligência inata da correspondência ou do simbolismo universais, esse repertório de toda metáfora, compreenderemos que ele possa sem cessar, sem fadiga tanto quanto sem erro, definir a atitude misteriosa que os objetos da criação apresentam ante o olhar do homem. Há no vocábulo, no verbo, algo de sagrado que nos proíbe de fazer dele um jogo do acaso. Manejar doutamente uma língua é praticar uma espécie de feitiçaria evocatória. É então que a cor fala, como uma voz profunda e vibrante; que os monumentos se erguem e se salientam sobre o espaço profundo; que os animais e as plantas, representantes da feiura e da maldade, articulam seu esgar não equívoco; que o perfume murmura e ruge sua linguagem eternamente semelhante.”

**Charles Baudelaire. “Reflexões sobre alguns de meus contemporâneos”
(sobre) “Victor Hugo”**

“Swedenborg (...) já nos ensinara que o *céu é um homem muito grande*; que tudo, forma, movimento, número, cor, perfume, no *espiritual* como no *natural*, é significativo, recíproco, converso, *correspondente*. Lavater, limitando à face do homem a demonstração da universal verdade, nos havia traduzido o sentido espiritual do contorno, da forma, da dimensão. Se entendermos a demonstração (...) chegaremos à verdade de que tudo é hieroglífico, e bem sabemos que os símbolos não são obscuros senão de uma maneira relativa, isto é, segundo a pureza, a boa vontade ou a clarividência inata das almas. **Ora, o que é um poeta (uso a palavra na sua acepção mais ampla), senão um tradutor, um decifrador? Nos excelentes poetas, não há metáfora, comparação ou epíteto que não seja uma adaptação matemática exata a circunstância atual, porque essas comparações, essas metáforas e esses epítetos são colhidos ao inesgotável fundo da *universal analogia*, e porque não podem ser colhidos alhures.**”

Charles Baudelaire. “Carta a Alphonse Toussenel” (21 de janeiro de 1856).

“(...) O que é positivo é o fato de você ser poeta. Há muito tempo digo que o poeta é *soberanamente* inteligente, que ele é a *inteligência* por excelência – e **que a imaginação é a mais científica das faculdades, porque apenas ela compreende a *analogia universal*, ou aquilo que uma religião mística denomina *correspondência*.**”

Charles Baudelaire. *Correspondance*. Edição e apresentação de Claude Pichois e Jérôme Thélot. Paris: Gallimard/Folio, 1966.

Charles Baudelaire (crítica Musical) “Richard Wagner e o Tannhäuser em Paris”

“É-me permitido contar, explicar com palavras a tradução inevitável que minha imaginação fez do mesmo trecho, quando o escutei pela primeira vez, de olhos fechados, e que me senti, por assim dizer, arrebatado da terra? Eu não ousaria por certo falar com complacência dos meus devaneios, se não fosse útil reuni-los aqui aos devaneios precedentes. O leitor sabe que objetivo buscamos: demonstrar que a verdadeira música sugere ideias análogas em cérebros diferentes. Além do que, não seria ridículo aqui ponderar a priori, sem análises e sem comparações, pois seria na verdade surpreendente que o som não pudesse sugerir a cor, que as cores não pudessem dar a ideia de uma melodia, e que o som e a cor fossem impróprios para traduzir ideias, sendo as coisas expressas por uma analogia recíproca, desde o dia em que Deus proferiu o mundo como uma complexa e indivisível totalidade.

A Natureza é um templo em que vivos pilares
Deixam filtrar não raro insólitos enredos:
O homem o cruza em meio a um bosque de segredos
Que ali o espreita com seus olhos familiares.

Como ecos lentos que à distância se matizam

Numa vertiginosa e lúgubre unidade
Tão vasta quanto a noite e quanto a claridade
Os perfumes, os sons e as cores se harmonizam.

Prossigo, portanto. Recordo-me, desde os primeiros compassos, experimentei uma dessas impressões felizes que quase todos os homens imaginativos conheceram, pelo sonho, no sono. Senti-me liberto das ligações com a gravidade e reencontrei pela recordação a extraordinária volúpia que circula nos lugares altos (...). Em seguida, retratei-me involuntariamente o estado delicioso de um homem às voltas com um grande devaneio numa solidão absoluta, mas uma solidão com um imenso horizonte e uma ampla luz difusa; a imensidão sem outro cenário senão ela própria. Logo provei a sensação de uma claridade mais viva, de uma intensidade de luz que aumentava com tal rapidez, que as nuances fornecidas pelo dicionário não bastariam para exprimir esse acréscimo sempre renascente de ardor e brancura. Assim, concebi plenamente a ideia de uma alma se movendo num meio luminoso, de um êxtase feito de volúpia e conhecimento, e planando acima e bem longe do mundo natural.”

Trechos de prosa (fonte):

Charles Baudelaire. *Poesia e Prosa*. R.J. Nova Aguilar, 2002 (vários tradutores).

POEMAS de *As Flores do Mal* [*Les Fleurs du Mal*]

II)

“O Albatroz”

(tradução de Guilherme de Almeida)

Às vezes, por prazer, os homens de equipagem
Pegam um albatroz, enorme ave marinha,
Que segue, companheiro indolente de viagem,
O navio que sobre os abismos caminha.

Mal o põem no convés por sobre as pranchas rasas,
Esse senhor do azul, sem jeito e envergonhado,
Deixa doridamente as grandes e alvas asas
Como remos cair e arrastar-se a seu lado.

Que sem graça é o viajor alado sem seu nimbo!
Ave tão bela, como está cômica e feia!
Um o irrita chegando ao seu bico em cachimbo,
Outro põe-se a imitar o enfermo que coxeia!

O poeta é semelhante ao príncipe da altura
Que busca a tempestade e ri da flecha no ar;

Exilado no chão, em meio à corja impura,
A asa de gigante impedem-no de andar

“O Albatroz”

(tradução de Ivan Junqueira)

Às vezes, por prazer, os homens da equipagem
Pegam um albatroz, imensa ave dos mares,
Que acompanha, indolente parceiro de viagem
O navio a singrar por glaucos patamares.

Tão logo o estendem sobre as tábuas do convés,
O monarca do azul, canhestro e envergonhado,
Deixa pender, qual par de remos junto aos pés
As asas em que fulge o branco imaculado.

Antes tão belo, como é feio na desgraça
Esse viajante agora flácido e acanhado!
Um com o cachimbo, lhe enche o bico de fumaça,
Outro, a coxear, imita o enfermo outrora alado!

O poeta se compara ao príncipe da altura
Que enfrenta os vendavais e ri da seta no ar;
Exilado no chão, em meio à turba obscura,
As asas de gigante impedem-no de andar

“L’Albatros”

Souvent pour s’amuser, les hommes d’équipage
Prennent des albatros, vastes oiseaux des mers,
Qui suivent, indolents compagnons de voyage,
Le navire glissant sur les gouffres amers.

À peine les ont-ils déposés sur les planches,
Que ces rois de l’azur, maladroits e honteux,
Laissent piteusement leurs grandes ailes blanches
Comme des avirons traîner à côté d’eux.

Ce voyageur ailé, comme il est gauche et veule !
Lui, naguère si beau, qu’il est comique et laid !
L’un agace son bec avec un brûle-guele,
L’autre mime, en boitant, l’infirmes qui volait !

Le Poète est semblable au prince des nuées

Qui hante la tempête et se rit de l'archer ;
Exilé sur le sol au milieu des huées,
Ses ailes de géant l'empêchent de marcher.

III) “Elevação”

(tradução Ivan Junqueira)

Por sobre os pantanais, os vales orvalhados,
As montanhas, os bosques, as nuvens, os mares,
Para além do ígneo sol e do éter que há nos ares,
Para além dos confins dos tetos estrelados,

Flutuas, meu espírito, ágil peregrino,
E, como um nadador nas águas afunda,
Sulcas alegremente a imensidão profunda
Com um lascivo e fluido gozo masculino.

Vai mais, mais além do lodo repelente,
Vai te purificar onde o ar é mais fino,
E bebe, qual licor translúcido e divino,
O puro fogo que enche o espaço transparente.

Depois do tédio e dos desgostos e das penas
Que gravam com seu peso a vida dolorosa,
Feliz daquele a quem uma asa vigorosa
Pode lançar às várzeas claras e serenas;

Aquele que, ao pensar, qual pássaro veloz,
De manhã rumo aos céus liberto se distende,
Que paira sobre a vida e sem esforço entende
A linguagem da flor e das coisas sem voz!

« Élévation »

Au-dessus des étangs, au dessus des vallées,
Des montagnes, des bois, des nuages des mers,
Par-delà le soleil, par delà les éthers,
Par-delà les confins des sphères étoilées,

Mon esprit, tu te meus avec agilité,
Et comme un bon nageur que se pâme dans l'onde,
Tu sillones gaiement l'immensité profonde
Avec une indicible et mâle volupté.

Envole-toi bien loin de ces miasmes morbides ;
Va te purifier dans l'air supérieur,
Et bois, comme une pure et divine liqueur,
Le feu clair qui remplit les espaces limpides.

Derrière les ennuis et les vastes chagrins
Qui chargent de leur poids l'existence brumeuse,
Heureux celui qui peut d'une aile vigoureuse
S'élançer vers les champs lumineux et sereins ;

Celui dont les penses, comme des alouettes,
Vers les cieus le matin prennent libre essor,
- Qui plane sur la vie et comprend sans effort
Le langage des fleurs et de choses muettes !

IV) “Correspondências”

(tradução de José Lino Grünewald)

A Natureza é um templo onde vivos pilares
Deixam sair às vezes palavras confusas:
Por florestas de símbolos, lá o homem cruza
Observado por olhos ali familiares.

Tão longos ecos longe onde lá se confundem
Dentro de tenebrosa e profunda unidade
Imensa como a noite e como a claridade,
Os perfumes, as cores e os sons se transfundem.

Perfumes frescos tal a carne de infantes,
Doces como o oboé, verdes igual ao prado,
- Mais outros, corrompidos, ricos, triunfantes,

Possuindo a expansão de um algo inacabado,
Tal como o âmbar, almíscar, benjoim e incenso,
Que cantam o enlevar dos sentidos e o senso.

Correspondências

(tradução de Júlio Castañon Guimarães)

A Natureza é um templo onde vivos pilares

Deixam às vezes vagas falas manifestas;
E o homem nela passa por entre florestas
De símbolos que o olham com olhares familiares.

Tal, longe, longos ecos vagos respondem
Em uma tenebrosa e profunda unidade,
Tão vasta como a noite e como a claridade,
Assim, perfumes, cores, sons se respondem.

Há perfumes tão frescos como a tez de criança,
Suaves como o oboés ou verdes como um prado
- E outros, falseados, ricos, cheios de pujança,

Tendo a expansão de tudo o que é ilimitado,
Que cantam, como o incenso e o âmbar, desabridos,
Os arroubos dos sentidos e os dos sentidos.

Correspondances

La Nature est un temple où de vivants piliers
Laissent parfois sortir des confuses paroles ;
L'homme y passe à travers des forêts de symboles
Qui l'observent avec des regards familiers.

Comme de longs échos qui de loin se confondent
Dans une ténébreuse et profonde unité,
Vaste comme la nuit et comme la clarté,
Les parfums, les couleurs et les sons se répondent.

Il est des parfums frais comme des chairs d'enfants,
Doux comme les hautbois, verts comme les prairies,
- Et d'autres, corrompus, riches triomphants,

Ayant l'expansion des choses infinies,
Comme l'ambre, le musc, le benjoin, l'encens,
Qui chantent les transports de l'esprit et des sens.